

COMO CITAR ESTE TEXTO:

Formato ISO

NASCIMENTO, Alexandre do. **Palavras, palavras e palavras**. Rio de Janeiro: Revista Global, Número 1, 2003.

Formato Documento Eletrônico (ISO)

NASCIMENTO, Alexandre do. **Palavras, palavras e palavras**. [citado dd/mm/aaaa]. Disponível na World Wide Web: <http://www.alexandrenascimento.com>.

PALAVRAS, PALAVRAS E PALAVRAS

Alexandre do Nascimento

Há alguns dias, recebi de um professor de uma universidade federal através do correio eletrônico um texto de César Benjamin, um reconhecido intelectual de esquerda, que tinha o como objetivo fazer uma análise da "lógica argumentativa do governo federal" – baseada, de acordo com Benjamin, em “analogias como argumentos, em tautologias, platitudes e generalidades”. A conclusão do texto é que o modo de discursar do governo explicita um sintoma da crise de pensamento oriunda do abandono, por parte do PT, do "esforço, penoso e meritório, de constituir um espaço político socialista, democrático e de massas". Até aí nada de surpreendente, pois a política é o lugar do debate, das divergências e do desentendimento.

Li o texto e, em discordância com seus fundamentos e alguns de seus argumentos, resolvi abrir um debate com o professor, pois outros elementos explicitaram-se. Respondi a mensagem, dizendo, entre outras coisas, que o autor cometeu um deslize preconceituoso, ao fazer crítica a frase "apressado como cru", dita pelo presidente da república ao ministro Cristóvão Buarque - que reclamara da falta de verbas para a educação. Benjamin tratou a frase dita pelo presidente como "a versão mais vulgar dessa maneira de argumentar apela à linguagem de botequim, indigna de um presidente".

Aproveitei essa indignação de Benjamin para questionar o que me parece puro elitismo e conservadorismo de um certo pensamento de esquerda. Vejam, por exemplo, o caso do debate sobre políticas de ação afirmativa nas universidades estatais. Brotam pérolas como: "a luta brasileira contemporânea é social, não racial"; "a cota desvia o foco para a

discussão de quem deve beneficiar-se dos poucos espaços disponíveis, abandonando a luta por mais e melhores vagas"; "o Brasil é um país mestiço que conceitua o preconceito racial como crime hediondo"; e, com destaque, "não somos nem brancos, nem negros, somos mestiços. Biológica e culturalmente mestiços (...) A tentativa de construir uma identidade baseada na raça é especialmente reacionária". Esta última pérola foi escrita por Benjamin, na Revista Caros Amigos. Ele exalta a mestiçagem negando a sua riqueza: *a multiplicidade de raças, culturas, linguagens, etc.* Trata o anti-racismo diferencialista do movimento negro como especialmente reacionário, negando o racismo como constitutivo da sociedade brasileira e de suas instituições, entre elas a universidade estatal elitista e as desigualdades sociais. Da mesma forma que é elitista, esse pensamento é conservador, porque parece não desejar o desmonte do estado de privilégios que é o Estado brasileiro.

Ao final da mensagem, afirmei que, para classes populares, essa esquerda que quer do governo um discurso peremptório é tão ruim quanto a direita, pois é, também, reacionária. A política das classes populares é constituinte, faz-se na democratização permanente das instituições a partir e na própria luta social. E não uma busca da forma ideal-transcendente de democracia que devemos, apenas, conquistar. O que mais surpreendeu, entretanto, foi que o professor que me enviou o referido texto respondeu às minhas críticas dizendo que "como disse o líder da revolução lulista, o ministro José Dirceu, palavras, palavras, palavras. Em respeito a sua discordância, não lhe enviarei mais mensagens com este teor. Nos encontramos (sic) em lados opostos, está claro". Ora, se um professor e intelectual dessa mesma esquerda encerra o debate respondendo que estamos em lados opostos, o que nós, educadores e estudantes que lutamos para romper as cercas e transformar a universidade (em) pública, indígenas, negros, mulheres, homossexuais e adeptos de uma linguagem de botequim, integrantes de fato das classes populares, podemos concluir? Será que os discursos de certos intelectuais e ativistas de esquerda são apenas palavras, palavras e palavras?